

## História ao portador: a prática da escrita de cartas de Helder Pessoa Camara (1944-1952).

Jordana Gonçalves Leão

[jordanagleao@hotmail.com](mailto:jordanagleao@hotmail.com)

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1944. Às quatro e meia da manhã, o então padre Helder Pessoa Camara, em seu pequeno apartamento em Botafogo, no Rio de Janeiro, levanta-se para mais uma madrugada de vigília. O hábito de realizar as vigílias, surgido na vida de Helder ainda no seminário, representava alguns momentos de encontro com Deus. Helder rezava, lia o Breviário, respondia às correspondências recebidas, reavaliava suas atuações nos incontáveis compromissos de que participava diariamente, rascunhava a homilia do dia seguinte e escrevia pequenos textos poéticos que denominava de *Meditações do padre José*.

O padre Helder dedica a vigília daquela madrugada a refletir acerca de acontecimentos recentes e a pensar em como poderia ajudar a amiga Virgínia, que sofria a dor de vivenciar o fim da vida do pai. Já em sua escrivaninha, em seu pequeno quarto, Helder escreve:

Minha querida filhinha,

Quanta surpresa em três dias! Quanto sofrimento aceito com a graça divina, de modo pleno!

Vou tentar um pouco de ordem no caos de minhas impressões numerosas e desconstruídas:

a) Um telefonema seu no dia 16. Minha afilhada, ao aparelho, conversava com você. Minha filha devia estar falando da fazenda. O coração queria, por força, vir à boca para falar ao telefone. Fui tendo a impressão de que você chegara. Fui me alegrando intensamente. Desligado o aparelho, soube de tudo. Fiquei tristíssimo e saí correndo.[...]

Fui pensando pelo caminho: prometeste (Deus) a Santa Margarida Maria que os padres, amantes de propagar o culto ao teu coração, teriam a graça espiritual de tocar os corações. Eu te prometo até o fim da vida, propagar o amor a teu coração. Mas dá-nos esta alma querida!

Houve um instante dolorosíssimo: como entrar no quarto? Como falar com ele?

Vi a timidez de minha filha ir ao outro mundo e voltar. Vi quando ela se decidiu, por uma nítida resolução de vontade em face do que julgou um dever. Vi-a partir e fiquei certo de que tanto sacrifício e tanta fé seriam recompensados.

c) foi tudo de uma facilidade desnorteante. Seu pai me pediu confissão!...  
Senti um dos abalos maiores de minha vida. Tive as vontades mais desencontradas: de chorar, de cantar, de dançar, de ajoelhar-me...  
Fiquei rezando baixinho o Te Deum, enquanto ouvia o amigo reto e bom! [...]

A longa carta de Helder à amiga Virgínia Côrtes de Lacerda é uma linda carta por muitas razões. A primeira delas é a possibilidade que a correspondência nos proporciona de observarmos Helder Camara - um homem que ficou marcado por suas ações conscientes e corajosas em prol de um mundo 'mais justo e mais fraterno', um homem que fez todos os governos brasileiros, civis ou militares, democráticos ou ditatoriais, levá-lo em consideração, um homem ouvido e reverenciado pelo mundo por força de suas palavras e de suas idéias – em um ato de entrega e de confiança, admitindo o sofrimento pessoal e revelando inúmeras expressões de carinho, de amor e de amizade: “Ah! Se eu pudesse! E de meia noite às sete horas da manhã de 17, teria feito com você o que se faz com um filhinho doente: tê-la-ia colocado em meu colo e teria cantado a mais suave e mais doce canção de ninar!”.

Cartas semelhantes foram escritas por Helder Camara durante muito tempo. Por quase duas décadas, Helder escreveu cartas diárias à amiga e confidente, Virgínia Côrtes de Lacerda, com quem compartilhava uma profunda afinidade espiritual e intelectual.

Helder e Virgínia se conheceram em 1942, quando o então padre Helder Camara é convidado por dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, a lecionar nas recém fundadas Faculdades Católicas que, posteriormente, se transformariam na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Por poucos anos, Helder lecionou as disciplinas de didática geral e administração escolar, passando, em seguida, a ministrar cursos de psicologia para as professoras da Faculdade de Letras do Instituto Santa Úrsula. Enquanto lecionava, formavam-se laços de amizade que, pouco a pouco, foram sendo estreitados. Com Cecília Arraes, aluna do padre Helder, foi dessa forma que se iniciou uma amizade que perdurou por mais de cinco décadas.

Eu conheci o Padrezinho em 1943 na Faculdade Católica, naquele tempo era Faculdade Católica não era PUC, na rua São Clemente em Botafogo. Eu fui aluna dele: primeiro de religião, depois de didática e em seguida, de administração escolar. Eu chegava um pouco atrasada, porque a aula era muito cedo, mas mesmo assim, conseguia tirar boas notas. Então, ele começou a prestar atenção em mim.

Segundo o próprio Helder Camara, em *Les Conversions d'un Évêque: Entretiens avec José de Broucker*, fora por ocasião das aulas no Instituto Santa Úrsula que ele conheceu uma aluna que viria a se tornar especial.

Dans le premier groupe d'étudiantes que j'ai connues là, il y avait une jeune fille. Non, elle n'était pas tellement jeune. Je pense qu'elle était plus âgée que moi. Elle s'appelait Virgínia Côrtes de Lacerda. J'ai tout de suite senti que j'étais en présence d'une intelligence privilégiée, je dirais même rare. Elle lisait les classiques grecs directement dans le texte original. Euripide, Sophocle... Très vite, elle fut pour moi bien plus qu'une élève. Nous travaillions, nous étudions ensemble. Au commencement, elle se tenait un peu à l'écart de la pratique religieuse mais rapidement, avec la sincérité d'un coeur généreux, elle est revenue à la maison du Père. Alors, chaque matin elle participait à ma messe et recevait la communion.

Não era apenas Virgínia que acompanhava a missa celebrada às seis da manhã pelo padre Helder na Escola de Enfermagem Ana Nery. Muitas das suas alunas da Faculdade Católica e do Instituto Santa Úrsula passaram a frequentá-la e a seguir sob sua orientação espiritual.

Quando conheci o padre Helder foi que passei a levar minha religião a sério. Passei a descobrir o valor da missa e comecei a frequentá-la diariamente. (...) Ele celebrava na Ana Nery, aqui perto, na Rui Barbosa. Depois da missa ele ia tomar um café e a gente sentava um pouco para conversar com ele. Nós sempre procurávamos estar entorno dele pra usufruir da palavrinha que ele sempre dizia.

Além dos encontros diários realizados após a missa na Ana Nery, Helder Camara e Virgínia Côrtes passaram a trabalhar e estudar juntos. É fascinante e singular o resultado desses estudos. Ao longo dos anos, o padre Helder desenvolveu uma forma um tanto quanto peculiar de leitura ao anotar cuidadosamente os livros que lhe interessavam, ora sublinhando palavras, ora destacando parágrafos inteiros, com um ou dois traços verticais ou então escrevendo observações às suas margens, muitas vezes ocupando-as completamente. Dessa forma, durante seus estudos, Helder Camara e Virgínia Côrtes, leram, releram, dataram e anotaram cuidadosamente os livros em suas margens, estabelecendo comentários que se nos apresentam de diversas formas: por vezes referências aos autores e suas obras e, em outros casos, verdadeiros diários contendo reflexões do dia-a-dia e registros de memórias escritos sob os pseudônimos de *Pe. Albertus* e *Caecilia*. Memórias que

foram escritas sem que houvesse a intenção explícita de torná-las públicas, configurando, assim, um material absolutamente inédito e surpreendente.

Aqueles que tiveram a oportunidade de conviver um pouco mais de perto com o padre Helder e a professora Virgínia, logo perceberam que a cumplicidade e a afinidade espiritual e intelectual que os unia se destacavam em meio às suas relações pessoais. Marina Bandeira, amiga do padre Helder desde a década de 1950, relembra um pouco essa afinidade:

Eu sei, e vi, constatei, que havia uma afinidade muito grande entre dom Helder e Virgínia Côrtes de Lacerda, especialmente uma afinidade intelectual, conhecimentos, livros que liam e comentavam. Isso eu posso dizer com tranquilidade porque eu me lembro.

Para além dos encontros diários e dos estudos, Helder e Virgínia trocaram uma enorme correspondência pessoal escrita diariamente durante quase duas décadas. Infelizmente, até o momento, apenas uma parte deste rico material pôde ser recuperado. Trata-se de uma coleção de cerca de dezesseis mil manuscritos, escritos de 02 de janeiro de 1944 a 31 de dezembro de 1952. Tal correspondência apresenta-se carregada de inúmeros significados no que diz respeito à vida e à obra de Helder Camara. É justamente nesse período que as facetas da personalidade com que Helder ficaria conhecido estavam sendo devidamente buriladas e amadurecidas.

Nas cartas, que se apresentam como uma espécie de “diário” íntimo, podemos observar o jovem padre Helder utilizando-se do ato de escrever de forma terapêutica, catártica, buscando atenuar as angústias e a solidão. Virgínia representava o interlocutor ideal com quem podia abrir-se sem reservas, permitindo que sua memória e seus sentimentos fluíssem soltos, livres, ao correr da pena. Ao lado dos relatos e dos acontecimentos importantes, Helder narra o cotidiano: a missa das seis na Escola de Enfermagem Ana Nery, as aulas que seriam ministradas para suas alunas, os momentos que passava ouvindo pessoas que buscavam ajuda para a resolução de todos os tipos de problemas, o trabalho no Ministério da Educação, a viagem de bonde na volta para casa, etc. Cenas que, apesar do tempo, também permaneceram registradas nas memórias de alguns amigos como da senhora Cecília Arraes:

O padrezinho me marcou profundamente. Profundamente mesmo. Sua simpatia... Ele era muito simpático! Feinho, mas muito simpático. Sua espiritualidade... Sempre muito tímido, ele não gostava de receber elogios. Sabe como ele ia para a faculdade? Ele

celebrava a missa cedinho, depois tomava o café no botequim e tomava o bonde no estribo. Aquele sujeito magrinho, franzino, de chapéu e uma mala sempre pesada, pendurado no estribo do bonde!

Se fosse preciso atribuir a essas cartas um gênero literário, este seria a autobiografia, ou o que os historiadores classificam como escrita auto-referencial ou escrita de si. Escrever um diário, guardar papéis, fazer uma coleção e escrever uma autobiografia são práticas que participam mais daquilo que Michel Foucault chama de a preocupação com o eu. Segundo Peter Gay, o historiador profissional tem sido sempre um psicólogo – um psicólogo amador. Voluntária ou involuntariamente, o nosso trabalho consiste em operar com uma teoria sobre a natureza humana. Operamos como Proust na decifração e na interpretação dos signos sensíveis. Atribuímos motivos, estudamos paixões, analisamos irracionalidades, buscamos as necessidades secretas do coração. O estudo da correspondência pessoal de Helder Camara não exigiria trabalho diferente. Em suas cartas, Helder consegue transformar ‘pequenos acontecimentos’ em matéria de ‘grande filosofia’.

Sua correspondência pessoal nos dá um quadro rico de suas idéias, pensamentos e sentimentos, desejos e aspirações. Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas, como bem assinala Ângela de Castro. Dessa forma, a correspondência pessoal constitui um lugar e um meio privilegiado de “registrar o efêmero e o simples, transformando-os em relato que, pela beleza da forma e pela agudez da percepção, pode se eternizar no tempo”. Os acontecimentos rápidos e corriqueiros ganham sentidos inusitados, por meio de um gênero literário que combina, como poucos, memória e história.

É impressionante a forma cuidadosa com que Helder escreve suas cartas: sempre atento à forma e com uma divisão didática dos assuntos, o autor procura estabelecer padrões, tanto na seqüência dos temas abordados, quanto na quantidade de páginas de cada correspondência. A linguagem das cartas é um ponto a ser observado, tanto no que se refere à sua forma material, quanto à sua dimensão subjetiva. O uso despreocupado das abreviações – segundo Ângela de Castro, “um abreviador da escrita” – é muito praticado por Helder. De forma acelerada, ele transita com desenvoltura da posição de diretor espiritual a de um estudante sedento por novas informações.

Obedecendo a suas regras, as cartas iniciam sempre com uma menção ao sagrado. Na grande maioria das vezes, uma oração, uma passagem do Breviário,

uma referência à Magna Domina, a São Francisco de Assis ou a biografia do santo do dia. Nesse espaço, se configura o lugar da fala do diretor espiritual, uma prática comum em meio as suas relações mais íntimas, conforme assinala Lenita Duarte:

Depois que conheci o padre Helder, ele me falou que tinha um grupo, que se reunia uma vez por semana, muitas vezes em casa de uma grande amiga nossa, uma pessoa de muito valor, Virgínia Côrtes de Lacerda. Nesses encontros, o padre Helder fazia uma palestra pra gente sobre um tema determinado. Então, comecei a freqüentar o grupo e passei a sentir muita admiração por ele. Foi aí que comecei a ser dirigida por ele e, como as outras, resolvi fazer dele meu confessor, meu diretor.

Passado esse instante, o autor discorre sobre o cotidiano: a viagem de bonde, as peças em cartaz no teatro, os encontros com os amigos, a efervescência da cidade nos dias de carnaval e nos instantes de tensões políticas; seus planos: os livros que seriam escritos e os trabalhos que seriam realizados; suas dúvidas: o plano visível ou o apostolado oculto? e sobre seus anseios: a saída tão sonhada do funcionalismo e o desejo de arrebataram almas.

Ontem à noite, véspera de minha partida, o padre Tapajós comunicou-me, em nome do Senhor Arcebispo, que ele desejava meu afastamento imediato do funcionalismo. Minhas possibilidades de atuação sacerdotal no Ministério eram mínimas e ele está carregado de serviços sacerdotais para o seu irmão. No íntimo, cantei um hino de ação de graças. Perdoe, Caecilia: mas me alegrei tanto como no dia em que me senti, com a graça de Deus, livre da política para sempre. Vou ser padre 100%. Você dirá: já era! Mas não me entregava sempre a trabalhos especificamente sacerdotais. Exato que nada se perdeu, porque obedeci e tudo ofereci ao Bom Deus, inclusive a humilhação mensal (nunca me acostumei!) do recebimento de ordenado! Não é providencial essa profunda alteração em minha vida numa véspera de partida para a Aparecida e numa ante-véspera de completar 35 anos?

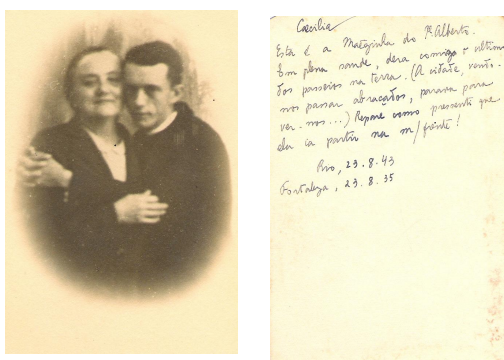
Algumas das vezes as correspondências ganham valor de uma confissão por trazerem assuntos que deveriam chegar apenas à amiga e confidente. Nesses instantes as cartas assumem o lugar de 'diário íntimo' onde há espaço para reflexões do dia-a-dia e registros de memórias. Um exemplo bastante significativo a esse respeito é a carta escrita pelo padre Helder em 19 de janeiro e 1944:

Caecilia: boa noite!

Hoje, com a graça de Deus, posso falar por experiência própria. Estou nadando de felicidade desde as 12 ½. Cheguei atrasado ao Ministério (preguei em uma missa extra dos guardas-marinha) e encontrei, esperando o elevador vizinho ao meu, um senhor que me olhava de modo muito fixo. Quase falei com ele. O elevador dele

chegou e ele não quis subir, explicando alto: 'Quero ficar olhando este padre, o maior quinta-coluna que o Brasil possui. Integralista!'. Todos pararam e ficaram me olhando espantados. O homem continuou: 'Gosto de ver tanta inteligência a serviço da maldade. Tire essa batina, infeliz!'. Perguntei, tímido, ao meu agressor: 'Meu amigo, alguma vez eu o ofendi?'. Ele gritou ofendido: 'Amigo do diabo, mas não meu! Ofender a mim, não. Isto não tinha importância. Traiu o Brasil. Matou inocentes...'. Juntou gente e eu senti que alguns me olhavam com desprezo, outros com dó. Chegou o elevador e eu parti. Cantei um dulcíssimo SF e a alegria perfeita me inundou desde então! E hoje mesmo quis contar o fato à minha irmã.

Obviamente, escrever cartas quase nunca é um ato inteiramente solitário. O outro está sempre presente – uma fotografia sobre a mesa, uma flor seca entre as páginas de um livro, uma imagem guardada na memória – esperando ser informado, corrigido e, acima de tudo, agradado. Nos instantes da escrita das cartas, são várias as formas de presença de ambas as partes. Os estudos, os manuscritos e pequenos objetos pessoais circulavam de uma companhia a outra. No entanto, as fotografias são as mais corriqueiras, pois além de servirem como uma das formas de presença da pessoa querida, as fotografias seguiam sempre acompanhadas das cartas, servindo-as como veículo ilustrativo para determinados assuntos. Um exemplo disso está na fotografia do jovem padre com a mãe, Adelaide Pessoa, dedicada à amiga Virgínia junto à carta de 08 de agosto de 1945, aniversário da morte de Dona Adelaide.



Caecilia. Esta é a Mãezinha do Pe. Albertus. Em plena saúde, dera comigo o último dos passeios na terra. (A cidade, vendo-nos passar abraçados, parava para ver-nos...) Repare como pressinto que ela ia partir na minha frente! Rio, 23.8.45. Fortaleza, 23.8.35.

De acordo com Peter Gay, “uma carta, mesmo uma carta não respondida, é um diálogo, real ou imaginado”. Embora tenha havido de fato uma co-respondência, no sentido de ter se estabelecido um diálogo, a ausência das cartas escritas por Virgínia

não deixa de ser sentida. Tal ausência torna-se, de certa forma, intrigante aos mais atentos, restando-nos ouvir o silêncio indicado pela documentação. O uso constante dos pseudônimos, o cuidado estabelecido por Helder e Virgínia no tocante ao sigilo dessa amizade e a preocupação com a guarda e a conservação das cartas e dos escritos às margens dos livros são de grande valor representativo neste sentido.

Escrever cartas exige tempo, disciplina, reflexão e, o mais importante, há sempre uma razão para fazê-lo: informar, pedir, agradecer, desabafar, rememorar, consolar, estimular, etc. Helder e Virgínia exerceram todos esses atos plenos de confiança e sinceridade. De vez em quando as fontes, tão diretas, o trazem muito perto de nós. Suas leituras e discussões, pensamentos e sentimentos, revelam-no um homem como nós. E se “escrever cartas é ‘dar-se a ver’, é mostrar-se ao destinatário”, como enfatiza Ângela de Castro, o que encontramos aqui é um Helder Pessoa Camara em um ato de confiança, proporcionando-nos a leitura do invisível da vida e do mundo que apenas o coração é capaz de perceber.